

PROSA & VERSO

2024



Ana Malfacini
(Organizadora)

PROSA & VERSO 2024

1ª Edição

Volta Redonda – RJ
AVL

2024

2024© Academia Volta-redondense de Letras

2024 © Vários autores

Organização, revisão e apresentação: Ana Malfacini

Diagramação e capa: José Huguenin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bruno Alves de Andrade CRB 7ª/7074

Prosa & Verso 2024 [livro eletrônico]

Organizadora Ana Malfacini. 1ª ed.–Volta Redonda, RJ: Academia Volta-redondense de Letras, 2024.

ISBN 978-65-993451-8-0

1. Literatura Brasileira. 2. Antologia. 3. AVL – Academia Volta-redondense de letras II. Título.

CDD- B869

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira B869

Patrono: Manoel Bandeira

Presidente: Jean Carlos Gomes

Vice-presidente: Débora Corsi

Coordenação Editorial: José Huguenin

Apresentação

Para o filósofo Aristóteles, a arte imita a vida. No ano em que a cidade de Volta Redonda completou 70 anos, nossos acadêmicos foram profundamente afetados pela data. Em grande parte dos textos, poéticos ou não, predominaram as homenagens à cidade que se tornou mãe ou madrastra da maioria de nós.

Para Fernando Pessoa, a arte existe porque a vida não basta. Ferreira Gullar seria o arauto brasileiro dessa filosofia. Nessa academia, parece que somos adeptos dessa máxima: de amores mal-sucedidos a questões do nosso cotidiano, nossos eus-poemáticos ou narradores ou objetos de análise passam de alguma forma por nossa forma de ver nossa

realidade. Recorremos à literatura para irmos além. Não nos bastamos, queremos sempre mais.

Para mim, foi um prazer e um aprendizado organizar esse livro. Optei por dividi-lo pelo próprio nome, em um projeto de metalinguagem com seu título. Prosa e Verso. Em cada uma das partes, os textos enviados pelos meus pares estarão dispostos em ordem alfabética. Cada confrade ou confrreira pôde dispor de 4 páginas em média: alguns optaram por mandar prosa e verso; outros, mais versos... tal escolha ficou a cargo de cada acadêmico.

Que a leitura dessa obra seja tão proveitosa quanto fora sua organização

Volta Redonda, setembro de 2024

Acadêmica Ana Malfacini

Cadeira 09

Abertura
70 anos de Volta
Redonda

“A chaminé”

Nelita Teixeira

(in memoriam)

Região de muita terra!
Um rio, montanha e prados;
Aqui viviam dois povos,
Os Puris e os Coroados.

Nessa imensa região,
Outrora sertão “bravio”,
Depois mui ricas fazendas,
De café era o plantio.

O gado e as plantações,
O progresso ia chegando.
O engenho de açúcar,
A minha gente empregando.

Quando eu fui construída,
Em 1903
Fui orgulho do meu povo,
Como hoje de vocês.

Assisti a toda mudança.
As ruas sendo calçadas,

Luz elétrica chegando,
Nas casas água encanada.

E o movimento aumentando.
Máquinas pra todo lado,
Mineiros e nordestinos.
Trabalho tinham um bocado!

Perguntei: que será isso?
Que reboleço, afinal!
O progresso ali estava:
Siderúrgica nacional.

Tudo foi sendo mudado.
Nem gado, nem café.
Muita coisa derrubada,
Só eu continuo em pé!

E o povo participando
Com muita animação
Por causa da CSN
Veio a emancipação!

Quem mais marcou seu
Progresso,
Foram os trabalhadores.
Operários conscientes
De direitos e deveres.

Eles fizeram a história
Sou testemunha e dou fé.
Quem lhes fala essa verdade
É o marco histórico:
A chaminé.

Prosa

Seu coquinho

Angela Alves Crispim

Professora, escritora

. Ocupa a cadeira 14 da AVL

Existem caracteres inconfundíveis em determinadas pessoas, que as tornam peculiares em certos locais, passando a ser inesquecíveis. Para mim uma dessas pessoas representa um vendedor apelidado “Seu Coquinho”. A criançada da rua ficava ouriçada quando ouvia o seu chamado:

- “Olha êh o coquinho do norte!”

Corriam fazendo algazarra ao seu redor, todos falando ao mesmo tempo. Eu sentia por ele um misto de respeito e medo. Estava sempre do mesmo jeito, trazendo cachos de coquinhos, os quais precisavam ser quebrados com pedras pesadas, tendo como resultado uma “macelga” de fibras, cascas e um pouco de líquido do seu interior, contudo, apesar de se aproveitar o mínimo, valia pela farra provocada, tendo assim um gosto muito especial.

Toda criança enxerga ao seu redor com uma certa desproporcionalidade, comigo também acontecia isso e como numa ficção de terra de gigantes, eu via aquele homem envolto em uma névoa de mistérios, parecia enorme, com os passos pesados, cor escura e um chapéu engraçado, enfiado até às orelhas. Em minha imaginação ele teria vindo de muito longe, confundindo-se com as histórias de escravos contadas pela “Vó Tiana”, uma negra do tempo das senzalas, que jurava ter mais de cem anos.

De vez em quando ele distribuía coquinhos para a criançada e ficava rindo ao ver sua agitação e euforia tentando parti-los, divertindo-se tanto quanto a meninada. Depois, colocava o saco nas costas, batia a mão no chapéu, empurrando-o ainda mais para as orelhas, pegava os cachos de coquinhos restantes e seguia em frente, descalço, roupa escura, andando arqueado e gritando:

- “Olha êh o coquinho do norte!”

Mudei de casa e não o vi mais. Cresci, estudei e comecei a trabalhar. Transcorridos quase vinte anos daquela época, poucas vezes tive a oportunidade de meditar sobre aqueles momentos. Praticamente havia deixado para trás o “Seu Coquinho” e com ele, muitas imagens maravilhosas de minha infância. O tempo passou tão rápido, com tantas atribulações, dificuldades, encontros e desencontros, idas e voltas, que muitas coisas ficaram guardadas no esquecimento, depositadas no fundo da memória, onde se fixaram, dando força para seguir nos momentos que exigem mais de nossa resistência interior.

Hoje, entretanto, ao ir para o trabalho, vi uma figura que me chamou a atenção.

Era um homem que caminhava em silêncio, com um camisa clara, calça cinza-escuro, sandálias de dedo, chapéu enfiado na cabeça, carregando um saco enorme. Observei-o atentamente desde o momento em que dobrou a esquina e, de imediato, lembrei-me do “Seu Coquinho”.

Olhei para o homem e senti saudade de meus seis anos, das amizades, brincadeiras, dos sonhos e uma melancolia cresceu em meu peito. Que vontade de voltar ao passado e recomeçar, talvez escolhesse um caminho

diferente, aproveitaria outras chances; mas, e as pessoas dessa minha trajetória, que tanto me ensinaram e das quais eu gosto tanto?

O que aconteceria? Na certa não nos encontraríamos e jamais enriqueceriam a minha vivência. Não sei se escolhi a trilha certa, contudo mesmo que eu não seja completamente feliz, não trocaria por outro rumo, pois existem muitas coisas boas e más para serem recordadas. De repente, os pensamentos foram trazidos para a realidade que me cercava e ouvi um pouco distante:

- “Olha êh o coquinho do norte!”

Dei uma risada gostosa, que alguém ao passar não entendeu. O meu velho amigo ainda vivia e não era um gigante, mas um homem simples, idoso e forte, que também havia mudado com o tempo, contudo não em demasia, pois ele ainda era o “Seu Coquinho”.

Uma realidade virtual

Angela Alves Crispim

Os caminhos da ciência são às vezes muito estranhos. De repente nos deparamos com estudos e informações que não coincidem com as nossas expectativas. Sempre estão nos surpreendendo.

A imaginação humana excede a um espaço-tempo que aparentemente não poderiam existir na realidade. Nos deliciamos ao assistir, nos filmes e seriados na TV ou cinema, imagens onde a realidade brinca com os sonhos e as possibilidades.

Podemos apreciar todo um trabalho de efeitos especiais da tecnologia digital em “Avatar”, “Guardiões da Galáxia”, “Dobra do Tempo”, “Star Trek”, “Voyager”, “Aquaman”, “2012”, “Um Dia Depois de Amanhã”, “Quarteto Fantástico”, “O Lar das Crianças Peculiares”, “Star Wars”, “Dr. Estranho” e tantas outras obras de ficção que nos absorvem a atenção, atíçando nossa imaginação através de um mundo de possibilidades desconhecidas, ao utilizarem da evolução técnica da magia virtual dos efeitos especiais.

Fico impressionada em “Aquaman” quando os personagens flutuam, dando-nos a sensação de estarem levitando na água do mar. Com perfeição conseguem transformar toda uma cena como se estivessem realmente no oceano. Em “2012”, os terremotos engolindo estradas, prédios e destruindo todos os marcos históricos de nossa civilização. Em “Star Trek”, uma Jornada nas Estrelas, a viagem pelo espaço, o encontro

de outros sois, sistemas estelares e culturas diferentes em planetas longínquos, o tempo e espaço, wormhole (buraco de minhoca), universo paralelo, transporte de matéria. O “Dr. Estranho” demonstra as possibilidades do multiverso, o comando do espaço-tempo, universos paralelos, mundos espelhados. “Um Dia Depois de Amanhã” mostra um tsunami atingindo Nova Iorque, cobrindo os prédios, as ruas de Manhattan, depois de passar pela Estátua da Liberdade, numa imitação convincente da era do gelo.

Os efeitos especiais nestes filmes e tantos outros que já assistimos são impressionantes. Pode-se criar uma cidade antiga em pleno funcionamento ou sendo dizimada por uma catástrofe a partir de programas computacionais, como em “Pompeia”. Produz-se deuses egípcios ou gregos descomunais, tendo a sua volta os pequenos seres humanos. Podemos ver dinossauros gigantes caminhando sobre a terra, nadando nos mares, pterodátilos voando, esqueletos lutando. Coloca-se em uma batalha milhares de indivíduos quando há somente uns poucos atores em cena. É a magia da multiplicação.

Pelo computador, o metaverso brinca com o mundo real e a realidade virtual, podendo ser criada qualquer imagem flertando o real com o imaginário. Tudo é possível através de codificações digitais, onde virtualmente são definidas as formas que querem apresentar. Monstros, anjos, duendes, fadas, ogros, fantasmas, transformações corporais, emaranhados e contorções... até uma viagem dentro do corpo humano, e este é bem antigo (Viagem Fantástica, de 1966). Consegue-se estabelecer uma imagem a ser vista e apreciada conforme a vontade e necessidade de oferta ao espectador. Basta apenas imaginar e a coisa acontece

virtualmente nos efeitos especiais. Voos, hipervelocidade, corpos flamejantes... tudo é possível com um bom programa.

Hoje é uma poderosa ferramenta da ciência. A gruta submersa do lucatã, no Sudeste do México, onde em 2007, encontraram Naia, o fóssil de uma jovem, considerado o mais antigo das Américas, com mais 12.000 anos, foi totalmente reproduzida em um laboratório nos EUA, mostrando virtualmente cada detalhe do local, através da tecnologia digital. É como se você estivesse no lago, dentro da caverna, visualizando completamente o ambiente. O mais interessante é que no real é totalmente escura. Vê-se melhor os detalhes no virtual do que quando comparada com o real.

Em “Matrix” a coisa se complica, porque indica que a nossa própria realidade poderia ser virtual. Que ela na verdade teria sido criada e não existe, sendo um jogo entre os poderes criadores dos elementos virtuais. Pensamos que somos e vivemos, entretanto faríamos apenas parte de um mosaico digital.

Por incrível que pareça, atualmente existem pesquisadores apostando nesta ideia. Descrevendo matrizes e programas procurando comprovar que possivelmente não passemos de meras peças em uma matriz virtual criada por um ser qualquer desconhecido de alguma galáxia distante. Segundo eles, apenas desempenhamos um papel coadjuvante neste universo-tempo-espaço, pensando estar e ser, quando apenas desempenhamos um personagem em um mundo virtual criado para nos iludir e que desconhecemos. O que vivemos, sabemos e sentimos seria uma imagem fantasmagórica montada. Seríamos uma simples cópia

de uma ficção como em “Matrix”. E para deixarmos de existir bastaria o criador do sistema desligar a tomada.

Bibliocidade

Emiliana Magalhães

Professora, escritora.

Ocupa a cadeira 15 da AVL

Bibliocidade: uma biblioteca no coração da cidade. Habitat literário onde os livros vivem, prontos a serem devorados e explorados por cada um que estiver disposto a uma aventura.

Ao passar pela Vila Santa Cecília, lá está ela: imponente! Uma *bibliocidade* tem o seu valor quando habita não só o coração da cidade, mas o coração de seus habitantes. Na urgência do cotidiano, é fato que a Biblioteca habita muito mais o coração da cidade do que o coração daqueles que por ali passam.

Eis que passando pela Vila Santa Cecília, resolvi entrar na Biblioteca Municipal Raul de Leoni. O sentimento é de nostalgia, porque era ali que eu passava várias tardes com as minhas amigas, lendo, pesquisando e fazendo trabalhos em folha de papel almaço. Nesse espaço, calos brotavam em minhas mãos, enquanto o conhecimento adentrava o meu ser.

Na Biblioteca Municipal adquiri o hábito de ler enciclopédias e descobrir a partir dos verbetes definições e sentidos. Na biblioteca aprendi que os livros são organizados seguindo uma lógica. Na biblioteca aprendi que o silêncio pode fazer um tremendo barulho dentro de nós...

Eu sentia uma alegria e um prazer imenso em estar na Biblioteca Municipal. Esse prazer posso sentir novamente, só de ter os meus pés tocando esse lugar depois de ficar anos sem ali entrar.

Hoje, numa época em que você tem uma pesquisa pronta nas palmas das mãos, as bibliotecas ficaram meio esquecidas. Na era digital, o acesso ao conhecimento é buscado em meio virtual. Logo, folhear um livro, ler por prazer ou procurar a resposta para algumas perguntas acadêmicas em um objeto físico, tornou-se para alguns tarefa obsoleta.

Revisitando esse espaço resolvi pegar um livro. Qual livro? O que vou escolher? Resolvi pegar uma gramática daquelas que eu usava quando adolescente para as minhas pesquisas escolares. Fonética, Morfologia, Sintaxe... Minhas companheiras diárias!

Olho para o lado e um grupo de estudantes chega. Não pegaram livros, mas seus celulares. Abrem o caderno, fecham, riem... Psiu! Biblioteca e silêncio são quase sinônimos. Não é preciso dizer, o olhar da atendente denuncia. Fico intrigada, mas não há como ficar mais tempo. A urgência me chama: o trabalho! Será que vão buscar algum livro como fonte de consulta? Será que a *bibliocidade* habitará seus corações?

Após a minha leitura acerca de algumas regras gramaticais, sim, adoro ler gramáticas! Devolvo a obra querendo ficar mais. Essa biblioteca faz parte de quem hoje eu sou: uma docente amante de livros, papel, cheiro de livros, letras...

Quantos volta-redondenses foram e ainda serão contagiados por esse espaço? Preciso urgentemente fazer a minha parte!

Chego ao trabalho e pergunto para a turma:

- Quem aqui já foi à Biblioteca Municipal de nossa cidade?

Silêncio absoluto na turma...

- Vou levá-los para conhecê-la!

Algumas semanas depois... Lá vamos nós, eu e mais trinta alunos visitando a biblioteca. Realizamos algumas leituras de poemas, visitamos a exposição de quadrinhos que lá acontecia, fotografamos o momento e acredite, um pouquinho de barulho levamos para lá também.

Alguns alunos fizeram cadastro e pegaram livros emprestados. A semente foi lançada! Parei um minuto e admirei a cena. Porém, um forte estrondo veio da rua. Uma batida de carro...

Admirando esses jovens tão imersos na visita inédita a esse espaço, continuei a minha contemplação... Lá fora, a correria, a violência, a poluição, o trânsito caótico e o barulho imperam. Aqui é uma espécie de Pasárgada, paz, livros, silêncio, encanto. Aqui sou amiga dos livros, tenho a obra que eu quero na prateleira que eu escolherei. Aqui eu sou mais feliz e a existência é uma aventura. Todas as fantasias moram nesse lugar. Em Pasárgada tem tudo, é outra civilização. *Vou-me embora pra Pasárgada*, aqui eu sou mais feliz!

Não quero filha mulher nessa casa

Giovana Damaceno

Jornalista, escritora.

Ocupa a cadeira 10 da AVL

Eu era o filho mais velho. Ela seria a caçula. Caçula de dois, né? Não veio ninguém depois dela, porque meu pai foi preso da mãe... minha mãe pirou. Surtou. Morreu doente da cabeça.

Com seis anos sobrei na vida, sozinho. Fui parar na casa da madrinha, que fez o que pode pra tentar apagar essa história escrota da memória.

Meu pai, meu próprio pai matou minha irmãzinha quando nasceu. Assim, sem mais e sem menos, pegou a bebezinha recém-nascida, acabada de chegar do hospital, pegou e enforcou. Eu tava do lado do berço, a mãe tomando banho e ele fez aquilo diante dos meus olhos. Vi o rostinho dela ficar roxinho, que horror. Meu pai jogou ela de volta no berço, como se atirasse uma bolsa. Ela caiu toda torta, desengonçada e só ali consegui reagir, gritar desesperado.

Coitada da mãe, quando viu a cena, a filhinha morta largada no berço. Como é que eu conto do pavor, dos gritos, não sei contar isso, não. Caiu no chão feito trapo velho e foi naquela hora que me senti só, pela primeira vez. Como se tivesse perdido minha mãe, antes de perder de verdade a minha mãe pra loucura.

Enquanto ela berrava de dor, meu pai saiu de casa também aos berros que não queria filha mulher, que tinha avisado que se entrasse filha mulher em casa ele matava, que a mãe não escutou, não obedeceu, e ele fez o que prometeu. Que nunca ia entrar filha mulher na casa dele.

Tem agora 46 anos e já não sou o filho mais velho, sou a filha. Era Lucas, hoje, Luciana. Meus pais não souberam quem eu era de verdade, nasci menino de corpo mas que sou mulher de alma. Não deu tempo e ainda bem, sabe... talvez fosse assassinada, como Lucrecia.

Na verdade, sou filha da minha mãe. Não tenho pai.

A gente não fala dessas coisas, acaba guardando no coração, para esquecer pra ver se acaba, esconde no fígado, sei lá. Esse resolvi contar agora é que tem motivo: ontem me telefonou a assistente social de um asilo. Estavam procurando pelo Lucas, filho do seu Agnaldo. Disse que enfim estava aliviada por ter encontrado aquele telefone depois de muitas buscas porque o seu Agnaldo está precisando da família.

Seu Agnaldo não tem família.

Uma ponte no sertão que virou mar

José Huguenin

*Professor, poeta, escritor
Ocupa a cadeira 17 da AVL*

Cerca de oitenta anos depois da tragédia de Canudos um velho magro, de olhos acesos, de corpo ereto e ágil, apesar da idade, chegou às margens do açude de Cocorobó de mãos dadas com seu neto. Queria ver com os próprios olhos o que a seca revelava depois da construção do açude. A obra foi determinada após uma visita do Presidente Getúlio Vargas na década de 40, porém, só foi concluída em 1969. A repercussão de uma seca severa, como há muito não se via, trouxe notícias de que a torre da igreja rompia das águas. Isso mexeu por demais com o velho. Era como se um pedaço de si, sumido há anos, por milagre de Antônio Conselheiro, reaparecesse. Ele precisava mostrar ao neto essa prova de sua história.

O que emergia não era apenas um punhado de pedras, mas gritos de outras épocas. Os sobreviventes daquela campanha sangrenta voltaram aos escombros deixados pelo exército e reconstruíram o que ficou conhecida como a segunda Canudos. O velho nasceu lá, pouco depois da guerra do fim do mundo. Depois teve que sair para construção do açude. Ao ver que a torre da igreja ressurgia, em arquitetura similar àquela que o próprio Conselheiro consagrou, não

conteve a emoção e deixou que seu neto o visse chorar pela primeira vez.

– Voinho tá chorano, tá?

– Tô sim, meu neto. Mire, veja este mar d'água. Isto era sertão. Eu nasci aí debaixo. Veja aquelas pedras no meio da água. É a igreja que vi construir quando acabou a guerra de Canudos.

– E voinho foi pra guerra, é?

– Então, não? Mas tava escondido na barriga de sua bisavó! Ela me contava de noite, quando a gente ia dormir, que foi graças ao engenho dum vaqueiro é que ela sobreviveu comigo no bucho. Ela também falava da profecia do bom Conselheiro de que o sertão ia virar mar. Mire e veja, não foi certa a visão? Tentaram esconder, mas as pedras hão de gritar quando a água baixar mais.

Um rapaz de olho verde, jovem ajudante de carga, estava perto do velho e do neto e ouvia o diálogo. Na região à trabalho, o moço esperava o acerto do carregamento para seguir viagem. Impaciente, foi à beira do açude em busca de uma brisa fresca para aplacar a secura do sertão. O destino o levou a ficar ao lado de avô e neto. Após ouvir o diálogo, não se comoveu. Ao contrário, bufou profundamente mostrando desdém. Balançou a cabeça com um enfado agressivo, como se o velho dissesse bobagem. Não se deu por rogado, e disparou

- Bando de arruaceiro monarquistas, meu senhor, é isso que foi. O Exército tinha que fazer mesmo

o que fez, para salvar o Brasil! – Ressaltou o ‘sszil’ de forma enérgica.

O velho, surpreso com a intromissão raivosa, sorriu apaziguador. Deitou sobre o moço um olhar sereno e piedoso, como quem perdoa por saber que o outro não sabe o que diz.

- Mais aonde foi que o moço ouviu isso? Foi na escola, foi? – Interrogou-o em tom ameno. Pensou ligeiro que não poderia simplesmente “deixar pra lá”, pois o neto ouvindo o moço de olho verde dizer aquilo bem podia acreditar.

- Sim, meu senhor, na aula de história. Eu tenho estudo, sabia? – Disse arrogante, escondendo o fato de que teve que abandonar os estudos no segundo ano científico para trabalhar.

- Pois bem. Já eu não tenho muito estudo, não senhor. História, aprendi com o que Mainha contava. Mas veja seu moço, que deste trecho da história aí ela foi é testemunha, não foi professor nenhum que contou pra ela não, visse? Agora, ler, eu aprendi a ler, num sabe? Tomei gosto pela coisa...

Ao dizer isso, como desculpa ou uma deixa teatral, pousou a mão no ombro do neto mantendo-o a distância do braço esticado enquanto o viajante ficava de frente para ambos. O velho falava ao mesmo tempo para os dois, triangulando o olhar.

– Na escola, por vezes, se conta a história que o governo quer que se conte. Mas nessa passagem

aí teve uma cabra que contou a verdade e vingou o povo de Canudos.

- O senhor tá dizendo que o que a escola ensina é mentira?

- Tô não... Eu tô é dizendo que na escola do governo se ensina o que o governo quer que se ensine.

- Mas o governo está certo, está colocando o Brasil pra frente! – Outra ênfase no ‘sszil’ – e a gente que ama essa terra ou fica, aguenta o tranco, ou vai embora de vez, é isso mesmo. Tá certinho?

Com serenidade ainda maior, o velho tentava se aproximar o rapaz, criar um vínculo. O moço não tinha culpa. Na construção forçada de heróis pelo governo militar quem serviria de modelo, Moreira César ou Antônio Conselheiro? Queria dizer ao estranho as coisas que sua Mãe dizia. Já o rapaz, pensava no abismo entre ele o velho sertanejo e, instintivamente, ia recuando enquanto falava. O velho, que levava consigo um embornal, olhou para o neto e o viajante e propôs uma concertação.

- Eu vejo que o moço tem opinião forte. Respeito. Eu dizia de um cabra que vingou Canudos. Mas essa vingança não foi com tiro, não senhor, foi com as letras...

Ao dizer estas palavras, sacou do embornal uma velha brochura e mostrou ao rapaz, perguntando-lhe se já lera aquele livro. O viajante teve uma vertigem, pois o movimento da mão do velho dentro do embornal, falando em vingança e tiro, o fez pensar que o interlocutor

sacaria alguma arma. Com alívio viu a brochura e leu de relance o nome na capa.

– Os *Sertões*, Euclides da Cunha... ouvi falar na escola, mas não li não.

– Pois eu vou lhe fazer uma proposta. Eu dou este livro pro moço se me der sua palavra que vai ler ele de cabo a rabo.

- E o senhor já leu?

- Muitas vezes. Da primeira que vez que tentei, entendi foi é nada. Tinha muita palavra difícil, mas que para o moço não há de ser problema. Quando cheguei no fim já voltei no mesmo embalo pra primeira página. Era a história que Mainha me contava... eu tinha que ler. Fui entendendo melhor as muitas coisas que ela me dizia. O quebra cabeça ia se encaixando naquele palavrório todo, visse? Cada vez que eu lia, mais entendia.

O rapaz ficou perplexo, pois o opositor no debate ao invés de rebatê-lo, maldizê-lo, chamar-lhe para a briga, ofereceu-lhe um presente. Pego de surpresa, não teve alternativa se não aceitar.

Sorrindo para o jovem desconcertado, segurando o pescoço do neto, saiu arrastando as alpercatas. O neto admirou-se de o avô ter dado aquele livro, que não largava para nada nesse mundo, de presente a um estranho metido à besta. O viajante, descrente do que acabara de ver, gritou para o velho e sentenciou...

- Vou tomar emprestado, viu, meu senhor? Vou ler e vou voltar para te devolver. Aí vou lhe mostrar que eu é que estou certo.

O moço ouviu o suficiente na escola para saber que o tal Euclides da Cunha era militar. Não iria dizer nada de diferente do que ele sabia. Iria achar o velho de novo e, cheio de argumentos, mostraria que Canudos foi, sim, um levante monarquista. O velho não deve ter entendido nada mesmo, mal devia assinar o nome... não iria ler (várias vezes!) *Os sertões*. A nota preliminar, contudo, deixou o rapaz cabreiro, pois prometia denunciar um crime. De quem? Contra quem? Isso só atiçou a sua curiosidade. Passando a maior parte dos dias na estrada, na boleia do caminhão, começou a ler a brochura. Havia realmente umas palavras difíceis. Depois que abandonou a escola não leu mais nada. Ia remando... entre um sacolejo e outro, avançava, adaptava-se ao linguajar e ao peso dos fatos. A parte da terra chamou sua atenção para aspectos de beleza daquela natureza inóspita que ele não enxergava antes. Na descrição do homem, era o rosto do velho do açude de Cocorobó que ele via. O magrelo era antes de tudo um forte. Na parte da luta se emocionou com fim trágico dos quatro últimos defensores: dois homens feitos, um velho e uma criança. Pensou no velho do açude e seu neto. O embuste da falsa rendição salvou muitas mulheres e crianças, umas ainda na barriga das mães, como ouvira nas margens do Cocorobó. Quanto mais se afastava de Canudos, mais se aproximava do velho. Três meses depois do encontro ele voltou a trabalho. Fez seu serviço depressa e correu para o açude com o livro na mão. Foi na esperança de encontrar o velho. Queria devolver o

livro sim, mas pretendia se desculpar. Sem sucesso nessa empreitada, olhava ao longe e os companheiros tiveram que apressá-lo para seguirem viagem. Como a leitura terminara e a história do velho não lhe saía da cabeça, começou a ler de novo, da nota preliminar. Lia e compreendia cada vez mais. Quanto mais compreendia, mais necessitava encontrar o velho, temia que ele não vivesse mais.

Dois anos se passaram. Ele voltou várias vezes à cidade a trabalho, sempre procurava o velho, mas nunca o encontrou. Quando estava de férias, leu a notícia de que o açude estava muito seco, mostrando partes inteiras da antiga Canudos. Ele sabia que se o velho estivesse vivo, estaria lá. Não perdeu tempo. Juntou o dinheiro que tinha e foi para Nova Canudos. Lá ficaria até encontrar o velho ou o seu neto, de quem se esforçava para lembrar o rosto. A visão era assustadora. Os mais de quatro quilômetros de largura não davam agora nem meio. Muitas ruínas estavam à mostra e várias pessoas caminhavam onde antes era o fundo do açude. Muitos apontavam, gesticulavam, afirmando que era ali que a família morou. Outros moviam os braços para baixo e para cima como a indicar que naquela direção passava uma rua. Caminhou um pouco mais e avistou o seu mentor a olhar fixamente para as ruínas da igreja. O neto, tão crescido, estava ao seu lado e o ajudava a se manter em pé. Imediatamente o rapaz pegou na mochila que trazia a surrada brochura e caminhou em direção aos dois. Quando chegou a cerca de cinco passos o velho o reconheceu e viu o livro na mão dele. Viu que o rapaz o olhava com ternura e proximidade, não com o rancor da primeira vez. Seu rosto iluminou-se. Abriu os braços e

pôs-se a andar o mais rápido que podia em direção ao moço que, como reação, só conseguiu deixar-se abraçar. Os dois choravam de alegria pelo encontro. Entre eles, ligando seus corpos, a velha brochura. Uma ponte em pleno sertão que virou mar...

Com a palavra o Teatro

Leonor Vieira-Motta

Escritora, poeta.

Ocupada a cadeira 16 da AVL

(Diretamente do Parque Arqueológico e Ambiental de
São João Marcos, Rio Claro, RJ)

Hoje, com frio e saudoso da minha existência antiga,
acordei pensando em minhas memórias.

- Que destino dar-lhes, o que fazer com elas?

Uma colcha me parece boa ideia. Explico, tanto quanto os tecidos, as memórias vão se criando fio a fio. E por serem ambas maleáveis a confecção me agrada. Tanto uma quanto a outra, expostas a chuva, se molham confiantes. Sabem que o sol as distingue e as reconhecem por textos, cartazes e figurinos. Mesmo as lembranças mais amarrotadas, embaralhadas e retalhadas me impelem nessa manhã de outono à produção de uma colcha. Colcha de memórias, com a qual me aquecerei duplamente, do esquecimento e dos ventos.

Para início da empreitada reservarei de um lado os fatos singelamente lembrados e de outro, os vivamente inventados. Após a separação os unirei alinhavando-os

com a sutileza e a tenacidade dos fios em teias de aranhas. Antes de finalizar a costura, tentarei concertar os atos da realidade que forem surgindo das coxias do pensamento. E para não me dispersar, além do previamente estabelecido, com a naturalidade dos cacos, seguirei um cronograma baseado em datas, tanto nas exatas quanto nas inexatas.

Eu sou um teatro, tenho nome e endereço fixo. Hoje falo pouco, embora abrigue desde a Grécia antiga, ou sabe-se lá desde a idade das cavernas, as mais belas, hilárias, cruéis, bizarras, generosas, vis e amorosas palavras.

Da estrutura do meu prédio original disposta em andares, dois, entrada principal, bilheteria, plateia, palco e camarim. Construção similar a uma capela ostenta atualmente uma forma singular despojada de paredes e teto, mas, apesar da aparência rudimentar, ainda sou. Sou, porque resisto!

Minha silhueta retangular se mantém delineada pelos torrões de pedra da construção. Sim, ainda sou e ad aeternum serei, mesmo sem dispor de cadeiras para oferecer ao público, sem a cortina de veludo vermelho reluzente que se ia abrindo feito lua e sol durante um eclipse.

Para júbilo meu apesar da estrutura atual continuo produzindo espetáculos. Os poucos e já amarelados retratos transformados em libretos narram um enredo mágico cujo cenário o entorno natural me empresta. Tanto que, em noites sem luar, da sonoplastia aos

coaxos, se encarregam os sapos; das vesperais, os tié-sangue pipilam no coro, iluminados por vaga-lumes.

Eu disse ter um nome, mas ainda não me apresentei me desculpem, me chamo Tibiriçá. Quando do meu nascimento, digo, inauguração, eu era xará da querida São João Marcos. Com esse primeiro nome comecei a ficar conhecido nas cercanias, mui respeitosamente. Com os anos, praticamente me tornei-me uma instituição ao primar pela escolha de um teatro de repertório.

Nas horas vagas, ocupava-me a partir da minha favorecida localização, distante uns cinqüenta metros da Igreja Matriz de admirar as suas torres brancas, imaginando-as dois obeliscos apontados para o firmamento. Para mim, o badalar dos sinos era o responsável pela marcação do meu palco e das gentes nas ruas, no vaivém da vila-cidade. Nessa hora, o Deus a quem muitos atribuem o tom de voz férreo e severo vindo do campanário, eu constatava o quanto estavam enganados.

Entre o alinhavo de um ato da minha colcha e outro me assolam batidas ocas e o estampido de uma explosão. Parecem pontos a ditar-me algo que não consigo compreender, mas que me amedrontam.

Para fugir deste tormento retrocedo às lembranças mais remotas, que não sei ao certo se aconteceram em 1838 ou 39, quando João Caetano e sua companhia de teatro, a primeira do Brasil se apresentou em meu palco. Foram sessões com casa cheia e um público entusiasmado por três consecutivos e inesquecíveis dias.

A companhia veio representar a comédia de costumes “O juiz de paz na roça” de Martins Penna. Desde o lançamento uma obra polêmica que fazia a plateia rir às gargalhadas, mas que deixava implícitas reflexões sobre a escravatura, os abusos de autoridade e outras mazelas e injustiças sociais do Brasil Império. Seus diálogos coloquiais atingiam o público sem distinção, bem a gosto do autor genuinamente brasileiros e abertos ao público em geral.

De São João Marcos a companhia de teatro seguiu pela Estrada Real da Calçada para o Teatro do Saco em Mangaratiba, um contemporâneo meu. Lá, me confidenciaram na despedida, se apresentariam exclusivamente para a nata da aristocracia rural em curtíssima temporada e retornariam para a Corte.

Os tais pontos, entretanto insistem em ditar-me palavras onomatopáicas parecendo marretadas.

- Tum... Tum... Tum... Cadenciados. Não, não deixarei que estes pontos insistentes e não identificados interfiram em meus devaneios, matéria-prima para a confecção da minha colcha. Vislumbra-la pronta a agasalhar-me no final desta tarde outonal, me anima.

E assim torno ao início dos anos 1940 como se ontem fosse e constato que tenho uma peça nova em cartaz por estrear, oba!

No palco, exclusivamente, a prata da casa. Uma seleta companhia amadora formada por atores de todas as idades, dirigida e produzida por um casal de apaixonados pelas artes. A senhora tem um semblante terno e firme

de professora, o senhor, a praticidade de um comerciante. Enquanto ela dirige os atores é ele quem se ocupa de todo o mais, cenário, sonoplastia, coral e até dos comes e bebes a serem oferecidos ao término do espetáculo sob o patrocínio do Alambique Saci.

Prestes a começar o espetáculo estou no segundo andar de onde tenho uma visão mais ampla da platéia, por sua vez dividida entre sentados nas cadeiras e os que se ajeitam como podem de pé. Vejo crianças de colo, despenteando as mães que tanto se esmeraram na arrumação dos cabelos. Diante dessa visão, se alguém dissesse “Ser mãe é andar amarrotada no Paraíso”, eu concordaria de pronto. A propósito, de viver no paraíso bem sabem as mães marcossenses!

Três batidas secas e consecutivas contra o piso do palco anunciam o início do espetáculo teatral sob as bênçãos de São João Marcos e Molière.
Nem um pio, silêncio total!

Do I Ato até o Epílogo a plateia deslumbrada, riu, chorou, se surpreendeu, se indignou e se enterneceu. Ao final, depois de minutos de palmas emocionadas, atendendo ao pedido dos atores, cantaram Cidade Maravilhosa. Achei muitíssimo apropriado, tudo a ver com a nossa querida cidade, hino composto em homenagem ao Rio de Janeiro, que eu não conheço, mas estou certo rivaliza em encantos mil com a minha querida São João Marcos.

A noite que se seguiu foi tranquila. Consegui dormir feito criança. Nem me lembro se sonhei, mas se houvera sonhado, certamente teria sido com o sucesso do

espetáculo teatral. Contudo, a bonança cessou pela manhã com o ressurgimento dos pontos que há tempos me flagelam, porém dessa feita mais incisivos. Acordo e logo ergo o olhar a procura das torres da matriz e me tranquilizo, continuam lá. A seguir, para meu assombro, ouço uma explosão e elas, as belas torres começam a ruir e a se distanciarem do céu com as quais compunham e simbolizavam esplendor e paz.

Sou um teatro, me chamo Tibiriçá, um seu criado, a sua graça nutre a minha paixão. Levo vida de artista, em mim o espetáculo da vida se apresenta e se reapresenta, os atores se revezam e se perpetuam, são para sempre marcos.

Águas profundas – O renascer

Lucia Araujo

Professora, poeta, escritora.

É membro correspondente da AVL (Cadeira 11)

Dezembro de 2019 - A notícia que vinha de um país muito distante falava de um vírus o qual pouco se sabia sobre ele e que infectou a população deste.

No início não prestei muita atenção, talvez tenha sido egoísta naquele momento, mas estava tão longe e numa realidade tão diferente achei que não me afetaria e seria passageiro.

Janeiro de 2020 - Grande engano o meu, pois o vírus começou a se espalhar rapidamente por todos os lugares, se começara na Ásia agora se espalhava pela Europa e Américas.

26 de janeiro de 2020 - Mesmo assim, não tinha a menor ideia da gravidade da situação, nem quando aconteceu o primeiro caso no Brasil, afinal era de uma pessoa que chegara do exterior.

Março de 2020 - Não me sentia ameaçada, a vida continuava normalmente até que, tudo começou a mudar.

Abril de 2020 - O mundo virara de cabeça para baixo e eu com ele. Com as infecções aumentando nossos hospitais não tinham estruturas para atenderem grandes números de pessoas, as mortes vieram e foram muitas.

Maio 2020 - Logo tudo estaria se fechando e só os serviços essenciais seriam ofertados. As escolas, igrejas, cinemas, teatros, shoppings e comércio foram fechados. Nos noticiários o dia todo falava do aumento dos casos e conseqüentemente das mortes e recomendavam que as pessoas ficassem em casa.

Comecei a ficar traumatizada em ver tanto horror. Devido à facilidade de infecção causada pelo vírus os corpos das vítimas eram embalados em sacos plásticos, e lacrado nos caixões.

Uma tristeza abateu-se sobre mim estava deprimida e com fobia. Minha empresa adotou o Home Office e eu fiquei trabalhando em casa, mas isto não melhorou muito meu quadro. O que não sabia é que tudo ainda ia piorar muito mais.

Meu marido começou a sentir os primeiros sintomas do vírus num final de semana, ele trabalhava como enfermeiro e já não ficava em casa por medo de me contaminar. Eu só fiquei sabendo quando seu estado

piorou e ele foi para a UTI. Que desespero não podia vê-lo só tinha informação através do hospital e dos colegas de trabalho que ligavam para me confortar. Foi entubado e eu nada podia fazer, nem o conforto da minha presença podia dar. Desesperava-me sabendo que ele estava numa luta ferrenha pela vida.

Foram noites sem dormir e muita tristeza até que, em uma manhã quando um dos colegas de trabalho ligou para dar a notícia terrível de que ele não voltaria mais para casa. Ele que tinha lutado tanto para salvar vidas perdera a sua.

Não pude vê-lo nem para o último adeus. De longe entre soluços descontrolados vi seu caixão chegar fechado. Não dá para descrever a dor que senti naquela hora. Ali estavam sendo enterrados nossos planos: ter nosso primeiro filho e construir mais um quarto para o bebê. Revivia nossas conversas sem acreditar que tudo chegou ao fim de maneira tão inesperada.

Parecia um filme de terror: as sepulturas, os corpos que chegavam e as pessoas desesperadas e sem consolo como eu, vendo de longe enterrarem seus entes queridos. O Brasil batia o terrível número de mais de 600 mil mortes.

2020 o ano que ficou sendo conhecido como o ano que não existiu tamanha era a vontade do povo de deixar tudo àquilo para trás.

Janeiro de 2021 - depois de muita luta foi aplicada a primeira dose da vacina contra COVID 19 em uma enfermeira. O país inteiro assistia com esperança o começo da aplicação das vacinas, no entanto ainda tinha muita luta. O surgimento de novas variantes do vírus trazia muita apreensão a todos.

Final de 2021- voltei para Volta Redonda, minha cidade no interior, tinha perdido o emprego assim como muitos brasileiros na crise econômica que se abateu sobre o país. Estava cada vez mais deprimida.

Naquela manhã como que empurrada por um sentimento maior, saí caminhando pela cidade. O dia estava frio e cinzento como minha alma. Ouvia o burburinho das ruas sem me deter em nenhum detalhe, apenas caminhava a esmo.

Uma fuligem da Siderúrgica no coração da cidade trazida pelo vento caiu em meus olhos fazendo arder e se misturando as minhas lágrimas de dor. Esta fuligem desperta mais lembranças.

Fora ali naquela cidade que conheci meu marido eu e ele trabalhávamos nesta Siderúrgica. Fomos embora para o Rio de Janeiro logo que ele se formou em enfermagem e arrumou um emprego em um grande hospital. Eu continuei meus estudos e logo arrumei também um emprego. Era a esperança de prosperidade na cidade grande.

Continuei caminhando levada pelo céu cinzento, pelo vento frio congelando ainda mais a minha alma sofrida. Caminhava, caminhava sem saber para onde e por que.

Quando me dei conta estava sobre uma das pontes do Rio Paraíba. Lá embaixo a água turva e calma passava sem muito alarido, volumosa e pujante. Uma gota de lágrima se misturou àquelas águas parecendo um convite. Abri os braços e mergulhei naquele silêncio profundo.

O renascer.

2024 - O mundo voltara à normalidade?

Uma jovem caminha em meio à multidão com seus livros escolares. Para no ponto de ônibus em frente a grande Siderúrgica. Seus olhos curiosos pousa sobre uma poesia fixada no Ponto: "A esperança".

Uma palavra se sobrepõe “esperançar” lembrando o mestre Paulo Freire.

Levanta-se apressada e entra em seu ônibus levando em seu coração esta palavra. Não iria sair por aí esperando (esperança – do verbo esperar) iria esperançar (do verbo construir de um modo melhor).

A POESIA COMO ESSÊNCIA DA ARTE

Marcorelio Fortini de Andrade

*Professor e poeta
Ocupa a cadeira 31 da AVL*

Cada criação artística é única no destino histórico de cultivar seu lugar genuíno no mundo. Embora existam formas de reprodução e cópias das obras, a verdade do ser do ente na arte vai subsistir enquanto essência. Para o filósofo poeta alemão Martin Heidegger (1889 – 1976) falar da essência da arte é abrir o caminho para a *poiesis*. Esta seria a poesia no sentido de produzir poeticamente com valor e singularidade. E a produção poética mais original e criativa está na própria arte das palavras contempladas na poesia¹. Mas, qual seria o conceito de poesia abordado? Por que a poesia é a essência da arte e da verdade?

No cenário da obra de Heidegger a poesia transcende a dimensão literária. É vista como o coração da linguagem, como o fundamento original da fala. No seu livro *Explicações da poesia de Hölderlin*, ele argumenta de forma profunda e bela que, “a poesia é fundação por meio da palavra e na palavra. O que se funda desse modo? O permanente”. (HEIDEGGER,

¹ O conceito de poesia nesse estudo não está em consonância com o entendimento da literatura. Pois nela, é vista, grosso modo, como um gênero literário expresso por meio de poemas, com versos, harmonia e beleza estética. Pode ser com rima ou livre. Escrita ou declamada. O objetivo da poesia literária é produzir a arte de usar as palavras, de acordo com o gênero (lírico, épico, dramático etc.) e a forma métrica usada pelo poeta, transmitindo mensagens com sentimentos, intuições e reflexões pertinentes.

2013, p.51). Adiante, na mesma passagem, reitera: “A poesia é fundação do ser pela palavra”. (HEIDEGGER, 2013, p.51). A poesia opera essencialmente como fundação do mundo. Revela o que as coisas são no seu descobrimento. Ela fundamenta a nomeação originária do ente que torna conhecido e permanece na palavra e pela palavra. O conceito gera um brilho que marca e reluz para além da fugacidade voraz do tempo.

Nessa esteira, o ser ampara-se, desvela-se na nomeação. O “nomear é um dizer, isto é, uma indicação do quê e como o quê algo deve ser experienciado e conservado. O nome desvela, desabriga”. (HEIDEGGER, 2013, p.210). Nomear é poetizar, fundar o ser pela palavra. É dizer o sentido da experiência que é conservado na transcendência da presença na temporalidade da vida. Heidegger destaca a sentença do poeta Hölderlin ao se referir à sacralidade ontológica da linguagem. A fala foi dada ao ser-aí (...), “o mais perigoso dos bens, a língua, para que ele dê testemunho do que é (...)”. (HEIDEGGER, 2013, p.43). A fala, a expressão do ente pela clareira aberta do ser é o mais singelo e perigoso dos bens na edificação do mundo em constante transformação. A língua e os nomes proferidos proporcionam o testemunho do que é pela presença criadora na terra.

Entretanto, o nome não diz tudo. “O nome, enquanto chamado que abriga, é ao mesmo tempo um ocultamento”. (HEIDEGGER, 2013, p.210). O nome descobre o ente, o acolhe, confere significância e utilização na lida, como verdade instaurada. O nome desabriga, traz para a luz do sol que resplandece o mundo. Ao passo, que simultaneamente, oculta a sua

totalidade, deixa a natureza latente, como a preservação da não-verdade que o homem não pode dominar. O ser move-se, revela-se na abertura, ao passo que também se retrai e se oculta. Persiste a impossibilidade de esclarecer, de definir tudo o que o ente é ou poder vir a ser. Mas como a poesia acontece ou se instaura? De onde ela surge?

A poesia acontece e permanece pelo poder sagrado agraciado aos poetas. “O poeta nomeia os deuses e nomeia todas as coisas naquilo que elas são”. (HEIDEGGER, 2013, p.51). Nota-se o protagonismo conferido aos poetas como zeladores do ser, como fundadores da poesia e da nomeação originária dos entes. Porém, quem atribuiu esse poder a eles? Até aonde se sabe, ninguém especificamente. Seriam pessoas especiais e extraordinárias? Não necessariamente. Heidegger advoga que os poetas conquistaram proeminência por conseguirem abraçar o apelo do ser, mergulhar no mistério que nós somos, escutar o silêncio e acolher os acenos, as luzes dos deuses. “A fala do poeta é o acolhimento dos acenos dos deuses”. (HEIDEGGER, 2013, p.56). Mas, não quer dizer que os poetas vivam no mundo celestial, em outra realidade. Eles estão e carecem estar no meio do povo de um jeito ímpar. “O poeta se encontra entre estes – os deuses – e aqueles – o povo. Ele é um excluído – um lançado para fora, para aquele intervalo entre os deuses e os homens”. (HEIDEGGER, 2013, p.58). Portanto, ele habita, bem como está lançado, entre o céu e a terra, entre os deuses e o povo. Nesse intervalo a mensagem poética é a doação sagrada e fundação do ser. Ainda nesse entrelace, vale destacar, na perspectiva de

Heidegger, que o ofício singular do poeta se deve à experiência mística, serena e meditativa na quadratura, enquanto morada profícua do ser-aí na criação poética. Mas de que quadratura ele falava? Essa referência foi tecida por ele mais adiante na sua produção teórica. A concepção de quadratura abordada por Heidegger encontra-se em alguns escritos, sobretudo, nos ensaios e conferências, tais como: *A coisa* e *Construir, habitar e pensar*.

O sentido fundamental de habitar resguarda na unidade originária, entrelaçada e indissociável dos quatro: terra, céu, deuses e mortais. Nessa morada fundante o homem pode “se libertar para a paz de abrigo. Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência”. (HEIDEGGER, 2002, p.129). Nesse cuidado pode-se habitar na liberdade de pertencer a um abrigo. Embora essencialmente livre, o ser-aí precisa tecer suas raízes e se encontrar na paz do seu lar, ou seja, carece resguardar, se encontrar na realidade onde reside, se identificar com a Pátria a qual pertence. Precisa, acima de tudo, encontrar-se consigo mesmo, com a sua essência, no mundo construído no intervalo da quadratura. A compreensão do seu modo de ser, enquanto liberdade é o caminho lançado para o seu verdadeiro habitar no mundo.

Heidegger procura demonstrar que a experiência no interior dos quatro forma a essência entreaberta da forma humana de ser e habitar. Ao falar da terra, a relação com o céu coloca-se justaposta, assim como a referência intrínseca aos outros três. Referir-se aos deuses já supõe a conexão com os mortais e com os

outros. Contudo, o que significa cada elemento da quadratura?

Seguindo a referência do seu ensaio *Construir, habitar e pensar*, coloca-se o seguinte: “A terra é o sustento de todo gesto de dedicação. A terra dá frutos ao florescer. A terra concentra-se vasta nas pedras e nas águas, irrompe concentrada na fauna e na flora”. (HEIDEGGER, 2002, p.129). Praticamente uma descrição fiel da benevolência da Terra. Não há vida sem os elementos diversos que compõem a natureza, tais como a água, o solo, os minerais, as plantas, os vegetais, os animais etc. A Terra é o chão poético em que a humanidade pisa e se aconchega. É a estrada que se abre ao caminhar. A Terra é a fonte doadora de toda vida em sua plural constituição. Logo, o cuidado e desvelo para com a natureza são fundamentais para a vida humana e para todos os demais seres.

Retomando a quadratura temos o céu no horizonte ligado com a terra. O que ele significa?

O céu é o percurso em abóbadas do sol, o curso em transformação da lua, o brilho peregrino das estrelas, as estações dos anos e suas viradas, luz e crepúsculo do dia, escuridão e claridade da noite, a suavidade e o rigor dos climas, rasgo de nuvens e profundidade do azul do éter. (HEIDEGGER, 2002, p.129).

Nota-se uma explanação poética e natural do céu. Ele reflete o que está acima de nós suspenso no espaço. O tempo no movimento dos astros celestiais, as estações do ano, o clima e suas necessárias variações com chuva,

calor, frio etc. O céu nos faz pensar na mudança como lei da vida, nas alternâncias da jornada sob a luz do sol diário e da lua noturna. É lançar-se no mistério do infinito que alimenta e consome o brilho dos olhos. O céu é o nosso guia iluminador na caminhada.

No terceiro componente da quadratura temos os deuses. Vale frisar que não se trata de uma defesa da religião ou de algum dogma de fé. Quem eles seriam nesse contexto? “Os deuses são os mensageiros que acenam a divindade. Do domínio sagrado manifesta-se o Deus em sua atualidade ou se retrai em sua dissimulação”. (HEIDEGGER, 2002, p.129). Os deuses dentro de um cenário cheio de mistério e mística, como mensageiros, doaram os acenos aos homens para poderem nomear aquilo que é e que venha a poder se instaurar no mundo. Deus e seus enviados deram o poder da língua à humanidade para operarem a conversa, o diálogo, a escuta como atributos sagrados da coexistência. Não consta uma clareza definidora de como sejam os deuses. São citados como manifestações de transcendência, como doadores de luz e revelação sagrada.

Por último temos os mortais. Quem seriam eles? “Os mortais são os homens. Chamam-se mortais porque podem morrer. Morrer diz: ser capaz da morte como morte. Somente o homem morre e, na verdade, somente ele morre continuamente, ao menos enquanto permanecer sobre a terra, sob o céu, diante dos deuses”. (HEIDEGGER, 2002, p.130). Como ficou bem explicado na citação, os mortais são os homens. Somente estes podem morrer, têm consciência da finitude, sentem e pensam na morte acontecendo gradativamente a cada dia da vida. A dádiva do nascimento já abre a fenda da

angústia possível da morte. O ser-aí é ser-para-a-morte. É impossível fugir desse destino, tanto quanto se faz urgente entender que a existência é carente de sentido, precisa construir o mundo para poder ser e nele viver. E nele, no mundo, feito um “cosmos” harmônico e resguardado, a humanidade está se desenvolvendo e habitando poeticamente a terra no interior aberto e entrelaçado da quadratura.

Heidegger, por diversas vezes, repetiu a sentença do poeta alemão Hölderlin: “cheio de méritos, contudo, poeticamente habita o homem sobre a terra”. (HEIDEGGER, 2013, p.52). Com efeito, essa sentença apresenta uma meditação enigmática. Faz-se preciso questionar: o que é e como habitar poeticamente a terra?

“Habitar poeticamente” significa: permanecer na presença dos deuses e ser atingido pela proximidade essencial das coisas. Poético é o estar-aí em seu fundamento – isto significa ao mesmo tempo em que o estar-aí, conforme é instituído (fundado) não o é em função de serviços prestados, mas por doação. (HEIDEGGER, 2013, p.53).

Portanto, habitar poeticamente é poder ser e estar na quadratura. Permanecer sob a iluminação dos deuses e desencobrir, deixar-ser o ente no que ele é, enquanto essência. Para habitar poeticamente e mostrar-se digno da sua casa o homem precisa cuidar, cultivar e zelar da terra, bem como da natureza. Entender que sua existência é fruto de doação, da relação com os deuses e ausculta de seus acenos no ser-junto-aos-entes. O habitar poético não é fantasia ou delírio literário, mas “o

habitar poético sobrevoa fantasticamente o real. O poeta faz frente a esse temor e diz, com propriedade, que o habitar poético é o habitar essa terra”. (HEIDEGGER, 2002, p.169). A morada poética do homem é a potencialidade hospitaleira do modo estar e habitar na Terra sob o apelo da poesia, como fundação do ser.

Para Heidegger a verdade originária de ser consiste na poesia. “A poesia é o fundamento que sustenta a história e, portanto, tampouco é apenas uma manifestação da cultura e, sobretudo, jamais uma mera expressão de uma alma civilizacional”. (HEIDEGGER, 2013, p.53). É na poesia como essência da verdade, da arte e da linguagem que se vai encontrar o sentido fundante do ser-aí e o sustentáculo original da história. Nota-se que essa hermenêutica da poesia como chave de compreensão do jeito humano de habitar faz-se lançar em busca da essência da mesma. Vimos acima, de modo similar, sobre a essência da poesia como a nomeação inaugural da e pela palavra. “A essência da poesia precisa, portanto, ser concebida a partir da essência da língua”. (HEIDEGGER, 2013, p.53). Contudo, a essência da poesia não se limita à fala exposta, à palavra gráfica ou ao enunciado (como já vimos acima). Ela manifesta o espírito de um povo, a dádiva de conversar, dialogar e dizer originalmente o ser. “O fundamento do estar-aí humano é a conversa como acontecer próprio e autêntico da língua”. (HEIDEGGER, 2013, p.54). A conversa, o exercício da linguagem fundamenta o estar-aí. A conversa tem por essência a poesia manifesta no projeto poetizante, que é a *poiesis*, o pôr-se-em-obra da verdade na origem obra de arte. E o que isso significa? O que o conceito de *poiesis* é nesse jogo perigoso da língua como reflexo da poesia?

No livro *A origem da obra de arte* o termo grego *Poiesis* ocupa um espaço cardeal. Seu entendimento aproxima-se da poesia no sentido original e da arte em sua essência. Entretanto, “o que a *poiesis*, como projeto iluminante, desdobra no desvelamento e pré-lança no traçar da figura é o aberto, que a deixa acontecer e, de jeito que o aberto somente no meio do sendo, traga este para o iluminar e o ressoar”. (HEIDEGGER, 1990, p.185). Dessa forma a *poiesis* é a obra em verdade, o coração iluminador do aberto, a energia do movimento criativo e criador, o impulso que lança o sendo para poder ser e descobrir o ente. A *poiesis* é doação livre de sentido pela fundação entreaberta do ser. Em outra citação do livro Heidegger complementa dizendo:

O narrar inaugural do que se projeta é *poiesis*: a narração inaugurante do mundo e da terra, a narração inaugurante do espaço de jogo e de sua disputa, e com isso, do lugar de toda distância e proximidade com os deuses. A *poiesis* é a fala inaugurante do desvelamento do sendo. (HEIDEGGER, 1990, p.188-189).

Dessa forma, fica posto que a *poiesis* inflexiona a potência do ser-descobridor. Ela o coloca de modo sublime na morada da quadratura. Tanto aproxima como distancia dos deuses na ausculta de seus acenos. A *poiesis* é, sobretudo, a fala, a nomeação inaugural do ser pela palavra, o descobrimento da essência de uma coisa, o próprio desvelamento do sendo. Com efeito, a linguagem poética genuína mostra-se como o nível mais original no que tange ao criar e desvelar a verdade da

obra de arte como fenômeno erigido na história. Como explica Benedito Nunes:

A historicidade da arte deriva da linguagem, em que a verdade se produz originariamente, pela irrupção do ser na palavra e enquanto palavra. Desse ponto de vista, a essência do fundamento, anteriormente divisada como abismo, a luz da liberdade do *Dasein*, é poética, e a poesia é modo essencial de instauração da verdade e do seu acontecimento historial na linguagem e com a matéria da linguagem. (NUNES, 2012, p.252).

Logo, a poesia diz a essência do fundamento. O modo essencial da linguagem e da instauração da verdade pela produção original da obra de arte oriunda do abismo misteriosa em que reside o ser-aí. Toda criação artística ampara-se inexoravelmente na linguagem. Como foi citado acima, “o narrar inaugural do que se projeta é *poiesis*”. A criação artística levanta-se no *lócus* da narrativa, na nomeação do ser pela palavra e propagada dentro de um mundo de sentido.

Em suma, a *poiesis* é o pôr-se-em-obra da verdade na produção da arte e na linguagem como acontecimento poético apropriante. Logo, entender o que é a obra de arte nas suas expressões culturais históricas, transcende a dimensão estética e mergulha metafisicamente no “projeto poetizante da verdade do ser no sendo”. (HEIDEGGER, 1990, p.193). E esse “projeto poetizante provém do nada, do ponto de vista que ele nunca toma sua doação do corriqueiro e do existente até

então”. (HEIDEGGER, 1990, p.193). Dito isto, fica explicitado que a *poiesis* hospeda a passagem para o poético no projeto apropriante da verdade. A poesia é o sentido mais original e essencial do ser na fala genuína e inaugural do desvelamento do sendo no mundo. O ser poético provém do nada, ou seja, é doação vindoura, condição de possibilidade e fundação da história do povo. Os poetas são os guardiões da mensagem divina. São os arautos da “deusa” *Alétheia* no caminho meditativo do pensamento e na morada do Ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NUNES, Benedito. **Passagem para o Poético**. Filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo: Loyola, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. **Ensaio e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Márcia Sá Cavalcante e Gilvan Fogel. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

_____. **Explicações da Poesia de Hölderlin**. Tradução de Claudia Pellegrini Drucker. Brasília: Editora UnB, 2013.

Volta Redonda: Origem e Emancipação

Nikson Salem

Historiador, escritor.

Ocupa a Cadeira 23 da AVL



Bairro Niterói - 1948

No dia 17 de julho de 2024, Volta Redonda completou 70 anos de emancipação político-administrativa, no entanto, ao contrário do que muitos pensam, sua história não teve início no ano de 1954 e, sim, no longínquo século XVIII, época em que sua principal atividade econômica era o cultivo da cana de açúcar e seu território habitado pelos indígenas da etnia

Puri. Os registros históricos apontam para o ano de 1744, quando o bandeirante paulista Simão da Cunha Gago saiu com sua comitiva da cidade mineira de Aiuruoca e cruzou a Serra da Mantiqueira até alcançar as margens do Rio Paraíba do Sul, onde fundou o povoado de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova, abrangendo as terras dos atuais municípios de Resende, Barra Mansa e Volta Redonda. A ocupação da Paraíba Nova ocorreu por meio de concessões de sesmarias obtidas junto à Coroa e aquele que era favorecido por uma doação tinha a obrigação de tornar as terras produtivas. Assim, em pouco tempo as sesmarias foram ocupadas por fazendas, ranchos e armazéns que serviram de apoio aos viajantes e tropeiros que passavam pela região a caminho dos portos em Angra dos Reis, onde embarcavam suas mercadorias para exportação.

O primeiro beneficiado com terras no local onde mais tarde surgiu Volta Redonda foi José Alberto Monteiro, morador da cidade do Rio de Janeiro que, em 1765, recebeu do vice-rei do Brasil uma “sesmaria com uma légua de terras de testada por outra de fundos, na margem do Rio Paraíba. Outra sesmaria foi doada em 1784, a Mateus Pereira de Araújo e Oliveira, um paulista de Mogi das Cruzes, cujas terras deram origem a Fazenda Três Poços, que mais tarde se tornou a maior produtora de café no município e o seu proprietário, Lucas Antônio Monteiro de Barros, foi o maior escravocrata, com um total de 627 escravizados. A chegada continua de novos colonos atraídos pela febre do café fez surgir outras fazendas no município, entre elas, Santa Cecília, São Thiago, Santa Thereza, São João Batista, Volta Redonda, Brandão e Retiro.

Propriedades rurais que fizeram parte de um importante período da nossa história, o Ciclo do Café, que serviu de suporte econômico e político no Brasil Império.

Por volta de 1860, o Povoado de Santo Antônio da Volta Redonda viu surgir seu primeiro núcleo urbano, no atual bairro Niterói, local onde havia um porto fluvial para o escoamento da produção cafeeira pelo Rio Paraíba. Próximo a esse porto foi erguida uma ponte de madeira, em 1864, a qual permitiu que o café produzido nas fazendas da margem direita do rio também pudesse ser embarcado. Logo, o povoado se desenvolveu a partir da instalação de inúmeras residências, estabelecimentos comerciais, escolas, farmácias, hotéis e agência dos correios. Outros importantes acontecimentos ao longo dos anos ainda contribuíram para sua tão sonhada autonomia, entre eles: a edificação da Igreja de Santo Antônio, em 1870; a inauguração da Estação Ferroviária de Volta Redonda, em 1871; e a construção de uma linha de bonde de tração animal, em 1874, que fazia o trajeto entre a estação ferroviária e o povoado.

No ano de 1895, foi construído o primeiro cemitério municipal e, em 1901, foi publicado o primeiro jornal, intitulado “Almanaque do Armazém Enciclopédico”, de propriedade de Manoel Ourique. Em 1903, o Dr. José Rodrigues Peixoto construiu em suas terras um engenho de açúcar, do qual permanece apenas a chaminé, situada ao lado do Viaduto Nossa Senhora das Graças. Em 1916 foi fundado o primeiro clube de futebol de Volta Redonda, o Redondense Atlético Football Club, que realizava seus jogos em um campo situado nas proximidades da antiga estação ferroviária. O serviço de captação e distribuição de água potável foi inaugurado em 1921 e no dia 23 de agosto de 1926, o povoado foi

elevado à categoria de Distrito, pertencente ao município de Barra Mansa. O serviço de telefonia foi iniciado em 1931 e a iluminação elétrica pública e particular passou a funcionar a partir do ano de 1932.

De acordo com o Censo demográfico do Brasil de 1940, o número de habitantes de Volta Redonda era de 2.782 pessoas: 1.462 homens e 1.320 mulheres. Nessa época, encontramos referência de duas unidades escolares: Escola Arraial de Santo Antônio, situada à margem esquerda do Rio Paraíba do Sul, em Niterói, e o Grupo Escolar Santa Cecília na sede da mesma, à margem direita do mesmo rio.

Em 9 de abril de 1941, o então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, assinou o decreto para a criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) que, a partir da inauguração do Alto-Forno I, em 1946, inicia oficialmente a produção de aço. Com a conclusão da usina parte da força de trabalho empregada nas obras – cerca de 7.000 trabalhadores – foi mantida, sendo utilizada em diversas seções da siderúrgica. No em torno do complexo industrial começaram as obras das vilas residenciais projetadas pelo arquiteto Atilio Correia Lima; Vila Santa Cecília (1942), Laranjal e Bela Vista (1945), bem como bairros para os funcionários e trabalhadores, primeiramente Conforto (1942) e, posteriormente, Jardim Paraíba, Nossa Senhora das Graças, Sessenta e Rústico, entre 1952 e 1962. Em dez anos, Volta Redonda apresentou um enorme incremento demográfico, atingindo em 1950 um total de 33.110 habitantes.

No dia 30 de janeiro de 1952, foi realizado o primeiro grande ato a favor da emancipação de Volta Redonda, foi fundado o Centro Cívico Pró-Emancipação, que tinha como grande mentor do movimento o Sr. Lucas

Evangelista de Oliveira Franco. Entre outros membros, o Centro Cívico contou com a participação de Sávio Cotta de Almeida Gama e Jamil Wadih Rizkalla, que ocupou o cargo de presidente. Ainda em 1952, por meio do deputado Vasconcellos Torres, o Centro Cívico encaminhou um memorial a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), no qual era solicitada a permissão para realizar um plebiscito no distrito para decidir sobre a emancipação, porém, o processo não foi adiante. No ano seguinte, o movimento ganhou o apoio de lideranças políticas e da imprensa local, além da Comissão do Departamento das Municipalidades do Estado, que emitiu parecer favorável a proposta de emancipação, contribuindo assim para a aprovação do requerimento na ALERJ, em 6 de abril de 1954. Logo, o governador do Estado do Rio de Janeiro autorizou a realização do plebiscito, definido para acontecer no dia 20 de junho de 1954. Naquele dia, os eleitores de Volta Redonda foram até as seções eleitorais e depositaram nas urnas o seu desejo, resultando em 2.809 votos a favor e apenas 24 votos contra a emancipação. Somente os moradores do distrito, com o título de eleitor, tiveram o direito de votar. A confirmação da emancipação político-administrativa ocorreu no dia 17 de julho de 1954, com a aprovação da Lei Estadual 2.185.

Contra o processo de emancipação ocorreram algumas pequenas manifestações por parte dos vereadores na Câmara Municipal de Barra Mansa. Na Sessão do dia 29 de abril de 1954, o vereador Ernesto Duarte da Silveira propôs aos demais pares o encaminhamento de uma Representação ao procurador-geral da República solicitando a anulação da decisão da ALERJ que previa a realização do plebiscito, no entanto,

o pedido do vereador foi indeferido pela comissão de justiça da casa. Na mesma sessão, o presidente da câmara Dr. Alphen de Oliveira Ferreira, vereador eleito pelo distrito de Volta Redonda, expôs sua opinião sobre o assunto: “tenho sempre nesta casa isenção de ânimo, apesar do meu partido estar a favor da emancipação de Volta Redonda, acho que nem Barra Mansa, nem Volta Redonda terão vantagens, visto que hoje temos um município grande e respeitado, um município em desenvolvimento constante, que poderá alcançar uma posição de maior realce dentro do Estado, quer pela sua renda fabulosa, quer pelo seu elevado número de eleitores. Mas creio que Volta Redonda tem o direito de se emancipar porque estão previstas na Lei Orgânica das Municipalidades as condições necessárias para a emancipação e ela já alcançou. Hoje, julgo mais do que nunca merecida a emancipação, porque aqui está representada pelo povo que luta em defesa de seus interesses e por isso saberá continuar lutando pelo engrandecimento do município, enquanto os barra-mansenses fugiram à luta e não demonstraram nenhum interesse pela integridade do município. As entidades de classe, como a ACIAP, Rotary Club e a Maçonaria, nunca deram um passo sequer contra a emancipação e um povo que não tem a coragem devida para defender o que é seu, não deve lastimar o perdido”.

Referências:

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e da Província do Rio de Janeiro.
Anais da Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro.
Atas das Sessões da Câmara Municipal de Barra Mansa.

ATHAYDE, J.B. de. Volta Redonda através de 220 anos de história:(1744-1964). Volta Redonda: Ed. Rogério Bussinger, 2005.

ATHAYDE, J.B. de. Volta Redonda e a Campanha Emancipacionista. Volta Redonda: Ed. Fluminense, 1962.

COSTA, Alkindar. Volta Redonda Ontem e Hoje. Volta Redonda, 1978.

FONTES, Ângela; LAMARÃO, Sérgio. Volta Redonda: história de uma cidade ou de uma usina? Revista Rio de Janeiro, n. 18-19, jan./dez. 2006.

LIMA, Roberto Guião de Souza. Volta Redonda do Café e do Leite, 140 anos de história. Gráfica Nogueira, 2004.

Alegria

Será que é possível ser alegre? Existe uma fórmula mágica?

Thalita Wutke

Engenheira, palestrante, escritora.

Ocupa a Cadeira 40 da AVL

Enquanto uns falam que você precisa ser feliz para atrair o que deseja, há quem diga que a felicidade não é deste mundo. E vejo que não importa em qual das duas você acredita, no meu coração, sinto que essas formas de ver são extremas, pois de um lado, falar que a felicidade não é deste mundo soa como se, na condição de humanos, não houvesse o que fazer para sermos felizes. Por outro lado, ser alegre para atrair a felicidade me parece um passo a frente. Soa como um grande “se vira aí e encontre um jeito de ser feliz para que você atraia o que deseja e então seja feliz!”. Redundante, não?

Para mim, falta um elo, falta um meio termo, algo que se aplique no dia a dia que me faça sentir isso, algo prático que esteja além deste eterno regurgitar de teorias.

Curiosamente as pessoas que não são felizes sabem que não o são e dizer a elas, simplesmente, que se alegrem, é negligenciar o como, o meio de realizar isso.

Durante meu curso de Matefísica, recentemente, estudamos que o simples fato de ser alegre já é o suficiente para evitar muitas doenças, como por exemplo, a depressão e a diabetes.

Então, como estávamos no curso, resolvi passar um dever de casa para todos nós, inclusive para mim! A tarefa consistia em fazer uma lista, com pelo menos 10 itens, de coisas que você faz que te deixam feliz.

No exato momento em que a tarefa foi passada, muitos relutaram e falaram que não teriam condições de preencher os 10 itens, que 10 é muito. Mesmo assim, eu insisti para que eles se desafiassem e pelo menos tentassem.

Convido você também, leitor, para dar um pause nesta e fazer sua própria lista! O que você faz que te deixa feliz?

Como retorno dessa atividade tive, claro, minhas observações. A primeira delas é que para se colocar qualquer coisa no papel é necessário ter, de alguma forma, isso claro e definido na mente, por isso, as pessoas que têm dificuldade em se alegrar tiveram muita dificuldade em realizar a tarefa. Já as pessoas que se declararam, de alguma forma, felizes, fizeram a atividade sem grandes problemas.

A segunda observação se relaciona com a frequência de vivência dessas atividades. Para quem fez a listinha, notei que, se não diariamente, mas com alta frequência, elas dedicavam um pouquinho de seu tempo para essas atividades. Do jeito delas, elas encaixavam essas satisfações em suas rotinas e alguns deles até, sem notar, praticamente tornaram isso um estilo de vida. Ao passo que, ouvindo os improvisos de quem não fez a listagem, muitas coisas foram sim lembradas, mas, em muitos casos, coisas de um passado, da infância ou que, de certa forma, não estão presentes no dia a dia como viajar ou visitar alguém muito querido que mora longe.

Será que estamos negligenciando os pequenos acontecimentos do dia a dia? Será que realmente não

acontece nada que nos deixe mais alegres? Ou será que isso depende da nossa priorização, das nossas escolhas?

Na minha listinha da alegria estavam enumeradas coisas simples como meditar, orar, ir à academia, me alimentar dentro do que eu julgo ser saudável e adequado, fazer minha rotina de suplementação, dar bom dia ao meu marido e muitas pequenas coisas do cotidiano que me preenchem de forma muito intensa!

Será que a alegria não está nas coisas mas sim na forma como as vemos, ou melhor, na maneira como as vivemos? Será que estamos deixando os momentos passarem? Será que estamos com o foco nas coisas ruins ao invés das coisas boas?

Acordar, todos nós acordamos, mas a pergunta é, como acordamos? Atrasados para o trabalho? Ou temos tempo de respirar, ler algo que nos traga esta alegria de viver? Ou mesmo dar um bom dia mais caloroso a quem mora com você? Comer, todos comemos, mas será que estamos engolindo a comida e talvez até reclamando que não era isso o que gostaríamos de comer. Ou estamos agradecidos pelo alimento do dia, na certeza de que estamos dando o que o nosso corpo precisa para se fortalecer e funcionar de forma adequada?

Se hoje você diz não ser alegre pois se sente fadado a fazer algo que não deseja, como seria lidar com isso? Como seria refazer arranjos e escolhas para que você possa fazer, também, o que te faz feliz? Do que depende a sua alegria? De quem depende a sua alegria? Se não depende de você, depende de quem? Será que não estamos dando a outras pessoas poderes, responsabilidade e peso demais?

A leveza da vida está nas pequenas coisas e não nas grandes. As grandes são apenas as cerejas do bolo. É

claro que viajar é maravilhoso e também me faz feliz! Mas se temos a capacidade de nos alegrar dentro de nossas próprias casas todos os dias, talvez a viagem seja ainda melhor.

Então, se eu pudesse deixar uma mensagem com a fórmula da alegria, seria: você nunca vai realizar o que não definiu como importante, então (1) defina o que te dá alegria e (2) insira isso na sua rotina, faça isso com mais frequência.

Lembre-se, não espere que alguém te traga alegria. Alegria é um estado interno, ninguém pode fazer isso por você. Se você espera do outro algo para que você seja alegre, isso se chama expectativa. Lide com suas expectativas para que você não pense que somente será feliz quando o outro fizer sei lá o que. Deixe as atitudes do outro para que, quando e se acontecer, lhe tragam ainda mais alegrias e realmente te surpreendam. O seu dia a dia quem faz é você!

Seja feliz!

Verso

Ana Malfacini

Professora, poeta, escritora.

Ocupa a cadeira 09 da AVL

Helena

Entre o cinza dos teus olhos
E os rios de teus braços,
Fui amparada por tuas luzes,
Vicissitudes e virtudes.

E depois de tantos anos,
Amores perdidos e frutos plenos,
Eis que a moça pequena,
raptada tal Helena,
Vem aqui pra dizer em verso
Que trocou a cidade maravilha
Pela cidade do aço,
Essa parte aguerrida
do Sul do nosso estado.

E com aço na poesia
Termina aqui o seu repente

Para dizer com alegria,
Que não é só de aço no sangue
Que se vive a vida da gente.

E agora, José?

Pensando no vazio que a vida se tornou.
Está tudo cinza.
Sem vontade de nada.
Sem prazer à vista.
Em algum momento, a vida se perdeu.

Cresci acreditando que seria feliz, mas sou apenas uma
das milhares de pessoas que realiza tarefas.

A felicidade é a meta de um futuro distante que sempre
escorrega das minhas mãos.

Errei. Erramos.

O futuro está lá fora.

Vamos que vamos.

José, para onde?

Aquele abraço

Aquele abraço
não é o de Gil
É aquele que você me deu
aquele dia
que você sabe...
É o abraço que eu trouxe pra casa
naquele dia que eu queria
trazer você
Mas você não podia
porque você não pode,
mas você veio...
Veio em mim...
no abraço,
no cheiro...
Eu te trouxe aqui,
no peito,
apertado,
colado comigo,
guardado,
abraçado forte.

Porque eu não tive sorte,
mas se tivesse,
você estaria aqui
E a literatura
não seria um jeito
da gente matar vontade.

Idílio

Tu já viste o sol lá fora?
E essa luz absurda na janela?
O rubor do corpo que ora jorra e
A brisa que chegou na tarde bela?

A estrada se perdendo no infinito...
O verde se borrando com o atrito...
E eu só querendo tardes quentes,
Para sempre nos meus maios reluzentes.

Era esse o dia que eu queria
Para levar-te na pradaria
Num idílio, tal qual o de Maria.

E de tanto sonhar mais do que pude,
Hei de contemplar, mais tarde, amiúde,
O prazer de me leres no verso que te alude.

Angela Alves Crispim

*Professora, escritora
. Ocupa a cadeira 14 da AVL*

As maitacas

No céu tingido de preto e vermelho
De uma velha e conhecida poluição,
Brilha uma lua prateada pendurada
No quadro do espaço-imaginação.

Na paisagem do espaço-céu-terra,
Casais de maitacas passam voando,
Veloze e barulhentas como sempre,
No linguajar de suas comunicações.
Com seus possantes gritos emitidos
Anunciam pelo ar o amanhecer.
Formando duplas permanentes,

São constantes e fiéis até morrer.

Admirando o seu voo me permito
Lançar os pensamentos errantes
Em buscas, sonhos, intensões.
Deslumbrando-me com a natureza
Que lapidou todas as diferenças
Do sentir, querer, planar, voar.

E como as maitacas eu parto
Para um mundo longe e diferente
De todas as mesmices humanas.

Nuvem

Lancei o corpo em uma nuvem
De pensamentos, emoções, memórias
E vaguei sem rumo ou direção
Que fizesse um sentido real.
Simplesmente deixei fluir
Cada gota de um conteúdo
Guardado entre tantas relíquias.

Vaguei sem determinar um ponto
A se chegar aos sentimentos
Estacionados para se reconhecer
E saber como e onde seguir.
Lancei meu corpo no esquecimento
Das dores, lutas, controvérsias,
Porque queria entender e ultrapassar
As dúvidas da própria existência
Na batalha constante de se caminhar.

Camila Cabral

*Professora, poeta, escritora
Ocupa a cadeira 26 da AVL*

Ana Luísa faz quatro anos

De todas as estações passadas,
E foram dezesseis delas
Nenhuma foi tão intensa,
Tão florida, tão meiga e imensa
Quanto a chegada de Ana Luísa.

Que não é nome de flor
Que não sei de música ou brisa
Mas que é linda e merece a vida!

Chegou assim, sorrindo num riso frouxo
Dançando, brincando e buscando afago.
Que luz é essa que a todos incendeia?
Verde-azul que aquece qual corpo na areia.

Graciosa qual Ana,
Mas ainda guerreira gloriosa, Luísa!

Débora Corsi

*Administradora, poeta, escritora
Ocupa a cadeira 21 da AVL*

Xícara de Café

Mais uma xícara de café, por favor!

Sempre que entramos numa cafeteria,
gostamos de tomar aquele cafezinho cheiroso
com um pedacinho de bolo.

O café pode ser sem açúcar e sem adoçante,
mas a companhia tem que ser marcante.

Mais uma xícara de café, por favor!

É o desejo de 'congelar' o tempo, porque é um escudo
contra o sofrimento.

A hora vai passando, o café esfriando, e novamente
chamamos o garçom:

Mais uma xícara de café, por favor!

Pequena é a xícara, mas a satisfação é imensa;
O café pode ser amargo, mas é sempre acompanhado
de um doce diálogo.

O tempo se esvai, a fumacinha já não se vê mais,
mas a presença do amigo é o que satisfaz.

Mais uma xícara de café, por favor!

Não importa se está nevando ou se o sol está 'fervendo',
porque sempre que esfriar ou acabar o meu café,
vou levantar a mão e pedir novamente ao garçom:

Mais uma xícara de café, por favor!

Sempre haverá um pretexto para tomar um café,
porque o melhor desse texto é o prazer de reencontrar
o meu amigo José.

Se tem água ou biscoitinho, isso pouco importa no
nosso mundinho,
pois antes de despedir-me de José, farei sempre um
novo convite:

Na semana que vem, vamos tomar uma xícara de café?

Dio Costa

*Professor, poeta, escritor
Ocupa a cadeira 2 da AVL*

Filho adotado

ainda de dentro do ônibus a primeira impressão não
ficou

tão pouco a rodoviária me adiantou o que viria

foram apenas dez minutos de cidade pela janela do táxi

quando finalmente meus pés se encontraram com teu
chão, volta redonda,

já não sabíamos quem era o anfitrião e o convidado

sem horário e lugar marcados eu vi tua cidade

eu vi tua cidade de ruas lambidas, estreitas, amarelas

eu vi muitos dos teus carros, alguns carnavalescos

teus motoristas desfilando por uma nota dez

eu vi tua cidade de trânsito respeitoso a caminho do
colapso

eu vi o vai-e-vem consumista jogar as âncoras por esses
lados

aportar, desembarcar, se infiltrar como se sempre
estivesse aqui

eu vi tua cidade de tempo próprio porque tudo parece ter
seu tempo em volta redonda

tua falta de pressa arrepia meus pentelhos mais calmos

teu freio de mão puxado incita a besta dentro de mim

eu vi tua cidade-modelo escorregar na passarela e
seguir adiante

eu vi teu rosto, tua postura, teus passos, tuas
expressões

eu vi tua cidade de crianças assustadoramente livres

teus pequenos demônios à espreita

eu vi teus adolescentes maduros para serem
corrompidos em outro lugar

teus meninos, tuas meninas

tuas ligações não atendidas

eu vi teus jovens querendo o futuro

teu nome, volta redonda, em cada um deles

eu vi homens, playboys, mauricinhos exalando
superficialidade

eu vi mulheres, patricinhas, dondocas com voz de miado

eu vi teus velhos morrendo na melhor idade

eu vi tua cidade, tua caretice, tua caricatura

teu deus, tua máscara, teus medos, tuas aberrações
teus escândalos calados, tuas indignações sufocadas
eu vi tua cidade de tráfico de drogas, de pontos de
prostituição
tuas loucas meninas de programa almejando uma vaga
na tv rio sul
eu vi tua cidade de política voltada para frente
tua política levada pelo falso sonho metropolitano
eu vi teus trabalhadores comendo o pão que a csn
amassou
eu vi teus artistas oxigenando teu céu cinza, volta
redonda
eu vi tua cidade do aço
tua cidade do bagaço
tua cidade, meu passo
teus abraços descoloridos
meus cigarros proibidos

Flávia Souza Lima

Jornalista, produtora cultural, poeta.

Ocupa a cadeira 20 da AVL

S

indo e vindo
para lá ou para cá
supostamente
meio parecido
com um cruzar de pernas
um arpejo do seu longo fio de cabelo ao vento
um titubeio no caminho
dois nichos para acomodar a saudade

antes de qualquer coisa
qual contraditória onda
serpenteia
samba
saracoteia
silencia
dissolve na boca

a letra S

desorientada

e generosa

poderia ser a letra do seu nome

mas não é

Claraboia (Leticia)

alguma

discreta verdade

que exalasse

luminosa

dos seus olhos

naquela pista de dança

bastava

uma contemplação em movimento:

o amor era isso

Jean Carlos Gomes

*Editor e poeta
Ocupa a cadeira 29 da AVL*

I

Volta Redonda do aço e do abraço,
Desço seus morros, me embaraço,
És minha mãe, meu regaço...

Volta Redonda do aço e do abraço,
Com suas curvas sinuosas me laço,
Em seu solo adormeço, me desfaço!...

II

Volta dos meus encantamentos,
Que mormaço! Quantos sentimentos,
Foi desbravada com amor, maestria,
Meu berço, minha eterna magia!...

III

Volta Redonda, senhora do meu percurso,
Alicerce da minha jornada,
Carece sempre de recurso,
Porém é minha alvorada!...

IV

Volta Redonda setentinha,
Com suas histórias e legado
Emoldura minha trajetória,
Desenha meu tempo, escreve meus versos,
Registra memórias em suas entrelinhas!...

V

Volta de ontem, de hoje,
Dos que virão traçar aqui suas lutas,
Histórias, marcas para continuarem
Escrevendo suas histórias de uma
Conquista de todos nós seus filhos!...

VI

Volta Redonda, meu poema, meu dilema
Com seu barulho rotineiro
E tranquilidade rara...
Com seus morros íngremes
E com suas curvas constantes é o
Lugar dos meus encontros e encantamentos!

José Huguenin

*Professor, poeta, escritor
Ocupa a cadeira 17 da AVL*

Impressão

Cinza,
imponência histórica
a arder os olhos...
os ruídos da usina
preenchem silêncios
e os sonhos ecoam
na arquitetura modular
de ruas planejadas,
de um lado
e na convulsão
da ocupação improvisada
do outro lado.

No meio, a curva do rio.

No horizonte
uma visão enfumaçada,
no piso da cozinha
pegadas de limalha,
no coração,
onde não cabe cansaço,
a certeza que o trabalho
frutifica
nessa terra de aço

Lee Brasil

*Professora, poeta
Ocupa a cadeira 35 da AVL*

Tributo a Volta Redonda(*)

“Ante a força do raio, o rio dobrou-se”
Formou-se, então, na curva de seu leito, uma cidade-
esperança
Qual criança que, na tenra idade, ainda desconhece seu
destino.
Cresceu ao redor das águas do Paraíba, menino azul,
vadio, doce;
Rio do Sul Fluminense, cheio pelo pranto que rolou
neste Sertão Bravio
Quando aqui se ouviu o último canto do guerreiro
Coroado, Puri ou Arari – o verdadeiro dono deste chão!
Seu lamento ecoou pelo vale inteiro
E, sobre a terra, a nação indígena chorou as suas
mágoas...

Chegou outro homem, mais “civilizado”, escravo da guerra e da cobiça,

Plantou semente, rezou missa, colheu café, cuidou de gado.

Povoado de Santo Antônio – padroeiro de nossa gente, de nossa fé –

Lugar hospitaleiro, de muito verde, de muito céu, de clima ameno.

Tudo tão calmo, tão sereno... De Barra Mansa era distrito

Sendo restrito o seu direito à liberdade e à mudança.

Igualdade, só em sonho? Mas a reviravolta era iminente!

Num dia de abril, o Presidente tomou a decisão

E outra vez o grito retumbante do trovão se ouvia:

O coração de cada habitante pulsava agora com o calor do aço

E, passo a passo, surgia a maior usina do Brasil!

Nela se uniram mãos de tantos outros lugares

Para erguer andares de suor, ferro e concreto...

No correto ofício de misturar a massa, dando o melhor de si

Ficava gravado aqui o esforço desses cidadãos!

Não havia mais dependência, a liberdade era vitória garantida...

A glória vinha, sofrida. 54, dezessete de julho, em
nossa história
É data de orgulho: Volta Redonda é uma cidade!
Cidade verde-esperança, da cor do uniforme dos
soldados
Encarregados de cuidar da nossa terra e da nossa
segurança;
Cidade de Walmir, William, Barroso e tantas outras
vidas
Tolhidas em seu direito à expressão e à liberdade de ir e
vir;
Cidade de quem luta pelo seu espaço, por um lugar ao
sol
E ainda joga futebol, vestindo a camisa do Voltaço...
Cidade de quem é branco, negro ou amarelo; de
martelo, de bigorna,
Que se torna, a cada dia, mais forte, porque forte é o
seu povo!
Cidade onde o novo junto à tradição caminha, sem
medo de ser feliz...
Volta Redonda, cidade do futuro, futuro do país!

(*) Publicado no livro didático “Conhecendo Volta Redonda”, produzido pelo Departamento Pedagógico da SME/PMVR em 2004, por ocasião do aniversário de 50 anos de Volta Redonda. Texto integrante do livro de poesias autoral “De Versos”, lançado em 2022.

Márcio Castilho

*Professor e poeta
Ocupa a Cadeira 32 da AVL*

Mármore

Não aprecies o meu semblante pálido,
Dento em mim, pulsa um coração cálido.
Dilacera-me, se me contemplores triste.
Nessa minh'alma a morte inexistente,
Embora meu corpo seja mortal e inválido.

Penetra o olhar, me olharás verde;
Fora em mim, se veres,
Alcançarás somente minha pútrida carcaça,
Vírus, tumores, desgraça.
Sou, na entranha, árvore, e tenho sede...

Carpir minha morte externa é tempo perdido;
Ama meu espírito, mais vívido.
Não queiras a imperfeição desse corpo
Que arde, no fogo fátuo, pelo teu corpo.

Ah, corpo juvenil e atrevido!

Mas caso queiras corpo e alma,
Que sejam ligados quão amálgama;
Amarás, a mim, então por completo,
Mais à alma que ao corpo, de certo;
Amarás a mim com exatidão, querida dama.

Converterás meu invólucro esqualido
Num servo do amor fiel e válido,
Ainda que inerme à mortalidade.
No entanto, usa-me a vivacidade
Que a amo, e espero teu beneplácito.

Tenho sede de amor mais que perfeito.
Amo-a quão criança de inocência desfeita,
Amo-a sem censuras, além do além;
Do amor, ainda que efêmero, não foge ninguém;
Quem foge, ao certo, é agredido no peito.

É voraz o desvario; é ardente a paixão que inflama;
Das órbitas saltam os olhos em chamas,
Madeixas longas criam vida, serpenteiam,

Bailam nas têmeoras, nos ombros vagueiam;
Cabeça e coração, em mesma razão, se irmanam.

Minha face é uma máscara de cera
Que se dilui na primavera
Quando floresce a flor do amor,
Exalando, no ar, o teu olor;
Vão-se, então, os desvãos que me imperam.

Não contemples o meu estado nimboso
Que o miasma da tez é espantoso,
Meu espírito é mais puro em fragrância.
Corre! Adentra-o criança!
Minha carne é só prazer pecaminoso.

Sou uma árvore de demasiada beleza,
Adentra minhas vísceras, vê minha realeza;
Não dês crédito tamanho ao corpo,
Não dês crédito ao espírito louco:
Os dois, fundidos, é metal de muita riqueza.

Não faças do amor e da paixão, suplício
Que o corpo, à alma, é submisso;

O corpo é paixão; a alma, amor;
O amor, eterno; a paixão, ardor;
A paixão fala em gritos; o amor, em cílios.

Às vezes sou duro, confia-me;
Sou gélido quão pedra-mármora.
Tenho sede do amor amado,
Sem restrições, embora sem pecados.
Ouça-me: - Dentro em mim, sou árvore...

Gélida... tão gélida quão pedra-mármora.

Marcorelio Fortini de Andrade

*Professor, poeta e escritor
Ocupa a Cadeira 32 da AVL*

Memórias

Sou um colecionador
De poesias e obras preciosas
Embora sem valor de mercado.
Meu baú está cheio de memórias
Boas e gostosas lembranças
E também tristes histórias.
Tenho um poético masoquismo
Inefável pela saudade
Vendo o reflexo do abismo.
Contemplar o passado
Que nunca passou ou passa
É estar no tempo atravessado.
Não quer dizer lá se prender,
Nem ansiedade, fuga ou dor
Pois a vida é presente a viver.
É uma necessidade latente
Rever e olhar o retrovisor
Pra seguir melhor em frente...

Interesse

O corpo carece de energia e nutrição
Para poder manter e se movimentar
Como o interesse é que faz projetar

O espírito na existência em fruição

O interesse está quente nos desejos
Nos afetos que escolhem encontros
Nas pontes e travessias entre pontos
E nos laços que sonham por beijos

A necessidade é o impulso da vida
Atrelada ao interesse em potência
Coloca o corpo em boa frequência
Ao som musical que a alma anima

No foco transborda o poder da visão
Junto ao interesse do que se revelou
Nasceu do mistério de luz e cativou
Na sede de beleza, bondade e feição

O caminho real existe ao caminhar
Pelo interesse estampa o horizonte
Que ilumina qual sol face ao monte
Na escalada inefável de ser e estar.

Rodrigo Hallvys

Ator, Diretor teatral, poeta e escritor

Ocupa a cadeira 36 da AVL

Vê-érre

Volta o raio em curvatura
Redonda faz sua curva
Conte uma história à criatura
Cidadão em busca de sua cultura

Respira o pó de fundição
Vento seco em toda imensidão
Ponha para fora sua opinião
Sonhe bem alto, seu coração

Cidade igual para todos
Ruas belas e inovadas
Pessoas vão e voltam
Futuros incertos e piadas

Vive de Era Getulista
Pintou-se de laranja o turista
Praças se perderam de vista
Alegria também tanto quista

Faltou acreditar em você
Pedaço de terra formidável
Espero poder ver

População feliz e estável

Vou respirar ar puro
No dia que a verdade for dita
Quando alguém ouvir
Mais uma voz não vivida

Abrace seu povo, bendita
Conte sua idade às escolas
Parte de mentiras mal ditas
Vê, erre, mas conserte as esmolas.

Shirley Leonardo

*Professora, poeta
Ocupa a cadeira 25 da AVL*

A cidade da minha janela

Da minha janela,
para além dos fios da iluminação,
enxergo nuvens que aguçam a
minha fértil imaginação, tão serena
Fico a pensar,
Fico a divagar
Fico a viajar,
Nasci, cresci, amadureci aqui.
Já não sou mais tão jovem.

Da minha janela vejo o tempo passar,
Vejo árvores tão frondosas se agitarem
com o vento, se agigantarem.
Ainda vejo pássaros, passarinhos, borboletas...
Tantas, muitas, inúmeras casas.

Coisas da vida ficar assim olhando para o nada,
fingindo em nada pensar.

Namorando o viver da brisa, leve na pele,
alçando voo, sonhando.

Da minha janela,
Que a minha cidade não se esconde mais,
Cá me criei, com idas e voltas,
Que é mais velha, sei, mas não tão madura.
Mas é da minha janela que as comportas
abertas despejam felicidades efêmeras,
tristezas corriqueiras, alegrias brejeiras...
Diuturnamente quando descerro as cortinas,
é mais um dia, sem janelas.

Stael de Oliveira

Atriz, Diretora teatral, poeta e escritora

Ocupa a cadeira 06 da AVL

O Menino... E a Menina dos Olhos

É o menino com o brilho do sol, enfrentando a labuta,
Vivenciando a disputa, a luta, a competição.
O trabalho bruto, os turnos, os noturnos e o plantão.
Vivendo onde a máscara do palhaço, esconde a alegria
do traço,
Produzindo solidude em meio à poluição.

E a menina dos olhos... Que consegue ver além...
Envolver e dar leveza... Ao passo... À pirueta...
Ao tropeço... À incerteza.

E o menino vivendo sol a sol... No trabalho dia a dia...
Gastando toda energia na rotina da produção.

E a menina num misto de encanto e magia retratada na
sapatilha
dos caminhos a seguir.

O menino com brilho do sol, construindo a cidade do
aço...

A menina na arte do passo, levando o cansaço do seu
coração.

Nasce uma história de amor no coração da cidade...
Nasce uma necessidade.

O homem e a Arte... E a cultura fazendo parte.
Onde o povo dança... Planta o chão... A Semente de
mais uma história...
Retratada na memória... O plantio de mais uma face...
Construído em nome da ARTE

Wanderson Siqueira de Castro

*Contador, poeta, escritor.
É membro correspondente da AVL (Cadeira 04)*

Ajuda-me

As lágrimas caem no meu rosto
Como uma chuva intensa.
A tristeza reina em minha face,
O sorriso não é mais frequente.

Todos os momentos me fazem lembrar-se de ti,
Em todos os rostos vejo tua face.

Os amigos me consolam,
Mas não adianta.
Os remédios me dopam,
Mas o efeito acaba.
A música me alegra,
Mas tu me entristeces.

Como vê, as fugas não adiantam,
A morte não tenho coragem,
Por favor, diga-me como te esquecer,
Antes que eu esqueça que existo.

Tempestade

As nuvens vão se amontoando.
A luz do dia começa a perder sua força
E as trevas rapidamente tomam o céu.
Os trovões refletem a fúria da natureza,
Avisando que sua força irá mostrar.
Os pingos começam a cair,
Um por um...
E vão aumentando... Aumentando...
Todos procuram abrigo.
É a tempestade!
Sim, é ela.
Que nada mais é que a força da mãe natureza,
O poder divino de Deus,
Que cai sobre nós!
Purificando-nos de todos os males,
Males que cometemos todos os dias,
Todos os anos!
E que só a tempestade é capaz de levar...

Um dia

Em meio à natureza estou
Sozinho e desesperado!
Só os pássaros me trazem alegria.
Fujo do real,
Mas o real me persegue.
Sua imagem está presente
Em cada nuvem,
Em cada canto.
Seus olhos são a minha luz!
Uma luz que está distante,
Distante a cada segundo que passa.
Viajarei para estrelas,
A fim de que um dia,
No brilho delas,
Tenha o seu amor!



Academia Volta-redondense de Letras

www.avl.org.br

contato@avl.org.br